

# Um farol em meio à escuridão: a construção do caráter na tragédia grega

Herbert Silva Leão<sup>1</sup>

**Resumo:** Este ensaio tem como objetivo refletir sobre a construção do caráter na tragédia grega *Ifigênia em Áulis* de Eurípides a partir de conceitos desenvolvidos por Aristóteles em sua *Poética*. Para tanto, será proposto um percurso que apresentará de forma sucinta as obras em questão com foco nos elementos internos da mimese trágica, visando assim, uma melhor exposição do objetivo proposto.

**Palavras-chave:** tragédia grega. Eurípides. caráter. forma. conteúdo

“O caráter revela assim sua profunda imbricação na textura do poema dramático: quando se fala de história ou de pensamento, o caráter está lá”.

Dupont-Roc e Lallot



Cena do filme *Ifigênia em Áulis*, de Michael Kakoyannis.

---

1. Graduando do BI de Artes com ênfase em Gestão e Política da Cultura (UFBA).

O mundo contemporâneo marcado por grandes e drásticas mudanças em seu sistema político-econômico-cultural deflagra uma crise nas artes em geral, tornando-as autorreflexivas para com suas características e sedentas por mudanças de paradigma. Podemos tomar como exemplo, a problematização do conceito de drama ou a construção de textos dramáticos que colocam em xeque o fazer teatral, dando lugar à teatralizações onde texto é mero pretexto ou textos fragmentados e desconexos, preenchidos pelo horizonte de expectativas do espectador para sua fruição. Reflexo da dissolução de sólidos, de certezas e teorias globalizantes, por novas sistematizações que evocam o entrelugar, o performativo, o pós-dramático... Assim este ensaio verifica a importância da teoria estética desenvolvida pelo Estagirita, que através de sua obra, onde trata do provável das representações, analisa de forma arrebatadora a condição humana.

A *Poética* de Aristóteles escrita por volta de 335/323 a.C. (SOUZA, 1993) teve pouca influência na antiguidade devido interesses outros, a exemplo da retórica, da física e da metafísica. A obra passa por um longo período de ostracismo até o fim da idade média quando é resgatada pelos humanistas italianos por volta de 1548. Inegavelmente, a *Poética* é a base iniciática dos estudos estéticos e literários ocidentais, nos traz uma teoria de arte engajada, interessada e com propósito de forma, conteúdo e recepção. Doravante a esse período, exerceu por dois séculos e meio o principal paradigma das manifestações artísticas até o século XVIII, onde sua hegemonia passa a ser contestada pelos pré-românticos alemães contra o classicismo francês.

A poesia (arte literária) é mimese, seja ela narrativa ou dramática. Essa mimese é construída por seu objeto, meio e modo. Por ser congênita ao homem, existe o prazer na identificação da forma original referenciada no ato mimético. Produzi-la ou contemplá-la envolve uma aprendizagem através do reconhecimento. Aqui trataremos da poesia

dramática, especificamente a tragédia, onde sua composição é reflexo de uma ordem e simetria, de um objeto característico, através de uma linguagem ornamentada, sensivelmente apresentada pelo espetáculo cênico, tendo como propósito a depuração de sentimentos baixos de seus espectadores, através da catarse. Na célebre passagem, diz Aristóteles:

É pois a tragédia imitação de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada e com as várias espécies de ornamentos distribuídas pelas diversas partes [do drama], [imitação que se efetua] não por narrativa, mas mediante atores, e que, suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções. (ARISTÓTELES, 1979, 1449b)

Destrinchando o conceito de tragédia podemos ponderar que ela é de caráter temporal. O belo na tragédia é composto pela ordem ou sequência lógica entre as partes, portanto um conceito espacial. Podemos localizar também sua extensão preenchida espacialmente, porém apreendida em sua totalidade pela memória responsável pela apreensão da extensão no tempo. Esse espaço-tempo é composto por um começo, meio e fim preenchidos pela mimese. O preenchimento da estrutura se dá através do mito e seus operadores modais: verossimilhança (provável) e necessidade (lógica). (GAZONI, 2006)

Passemos a questão concernente à mimese trágica para que assim possamos localizar a questão do caráter e sua construção dentro da estrutura da tragédia. Segundo Lígia Militz (2003) mimese é imitação, representação de algo provável de caráter universal (genérico) que poderia se abater a qualquer um de nós. Ela possui um processo em construção pelos já citados meios, objetos e modos. Diferente das outras, a mimese trágica possui um quarto elemento de construção que é a catarse, finalidade primordial da tragédia.

A mimese trágica é formada por partes qualitativas em ordem prioritárias, segundo Aristóteles: Mito (enredo), Caráter (construção dos caracteres), Pensamento (demonstração de conhecimento explícito), Elocução (pensamento regulado pela oratória enunciativa), Melopeia (canto) e Espetáculo (o mais emocionante, mas também o menos artístico para o poeta). Podemos distinguir entre as seis partes qualitativas os elementos internos: mito, caráter e pensamento, dos elementos externos: elocução, melopeia e espetáculo. Fiquemos com os elementos internos. Se não podemos separar mito de caracteres, uma vez que o mito se desenrola a partir das ações das personagens onde constroem-se seu caráter e expõem-se sua personalidade, então o caráter e pensamento estão estritamente conectados:

[...] são os elementos que revelam a condição da personagem cuja ação é objeto da imitação. Revelam a personalidade da personagem (caráter) ou sua situação (pensamento). Se o pensamento pode ser definido como a capacidade de dizer o que convém, certamente tal capacidade denota algum tipo de escolha determinada pelo caráter, um julgamento de valor e, assim, um engajamento ético. Se mito, caráter e pensamento são os elementos internos da tragédia, o que, vale dizer, representam o seu aspecto propriamente poético, as demais partes da tragédia seriam, então, os seus elementos externos ou materiais e estariam relacionadas diretamente com a tragédia enquanto encenação, representação teatral. Tais partes são a melopéia, a elocução e o espetáculo. Quanto à elocução do próprio enunciado dos pensamentos por meio de palavras e que deve ter a mesma efetividade tanto em verso quanto em prosa. Trata-se da organização do material verbal, da forma que os objetos da imitação irão tomar no interior do poema trágico. (TOLEDO, 2005)

A construção do caráter se dá através do desenrolar do mito. Os pensamentos e ações do herói determinarão seu caráter na trama. O caráter é a virtude (sabedoria prática) ou prudência de fazer escolhas éticas. Nas tragédias gregas para além das escolhas existe a sorte lança-

da pelas divindades aos heróis que independente de suas ações estarão suscetíveis aos reveses. O caráter não define a felicidade do herói, pois aqui entra a hamartia (falha trágica) que conseqüentemente pode desembocar na reviravolta dos fatos (peripécia). Cada personagem trágico se mostra de acordo com seu caráter e isso é o mote responsável pela tensão moral que se desenrola. As diferentes maneiras de pensamento opõe-se entre si e essas formas de proceder diz respeito às escolhas do agir:

Aristóteles concentra toda a tensão do drama no momento da ação. Ao definir a tragédia como a imitação de uma ação de caráter elevado, Aristóteles atribui à ação características que se relacionam com o caráter do personagem que está sendo apresentado pelo poeta na tragédia. Diferente da comédia, que imita homens inferiores com o objetivo de fazer uma sátira ao comportamento de homens dessa categoria, a tragédia tem como protagonistas homens nobres e ilustres, cujas ações refletem a grandeza e a elevação moral desses personagens. [...] Inspirando simpatia em razão do seu caráter e determinação, os personagens da tragédia nos são apresentados em confronto com uma situação que precisam enfrentar para resolver. A solução encontrada para o conflito ressalta a honra e a nobreza desses personagens até que, para o espanto de todos, a tragédia vem mostrar que mesmo uma escolha louvável pode no final das contas resultar em um final infeliz. [...] Como elemento participante do caráter, a disposição pessoal do agir direciona o homem no rumo de suas escolhas, mas deixando-lhe sempre aberta a possibilidade de agir de um modo diferente. Essa possibilidade de fazer e agir de modos diferentes configura a contingência do mundo. Prazer e sofrimento impelem ou repelem, respectivamente, os sentidos que são animados pelo desejo, sendo que o homem, dotado de razão, pode contar com ela para aferir as circunstâncias e deliberar o seu modo de agir em cada situação. (CAMPOS, 2012)

Após discorrermos acerca de alguns conceitos essenciais da Poética para reflexão e análise proposta, passemos a questões referentes às

características da obra de Eurípides para assim identificá-las em *Ifigênia em Áulis*. Eurípides, um dos três grandes tragediógrafos atenienses, viveu num momento conturbado e cheio de contradições para a cultura grega. Os gregos passavam por profundas mudanças em sua cultura, política, moral e religiosa, com a vitória dos espartanos na guerra do Peloponeso e a queda da democracia ateniense. O desencanto do mundo após a desumanização causada pela guerra que durara cerca de 25 anos e que marcara o início do declínio da civilização grega foi o cenário que estava por trás das tragédias de Eurípides. Isso o leva a questionar a condição humana através de suas obras. De espírito iconoclasta o tragediógrafo passa a questionar a tradição, abrindo passagem para novas formas de pensar e conceber sua arte. O grande tema que engloba suas obras é a Escolha.

Eurípides foi o que mais aproximou a realidade quotidiana do homem de sua época ao drama. Eurípides apresenta-nos a (re)encenação de ideias e falhas, problemas e conflitos, como se quisesse atizar nossa reação e nossa vontade de solucioná-los. A ênfase nos conflitos históricos e no caráter das personagens em detrimento da ação acentua o páthos em sua obra. Sua tragicidade é de uma sentimentalidade exacerbada, enriquecida por pensamentos e reflexões. Eurípides realiza na verdade é uma racionalização da tragédia, consoante ao questionamento filosófico de sua época. Mas para compensar a perda da qualidade estética, ele apela para o patético e mais a crítica da estrutura política. (MARQUARDT, 2007)

A obra euripidiana nos mostra que a época dos grandes heróis e de grandes feitos passara. A emoções, paixões e o sofrimento do herói são introjetados na tragédia grega com força maior. A reflexão subjetiva marcada pelas dúvidas sobre o agir, ou seja, a psicologização das ações dos heróis coloca o personagem de caráter elevado a refletir sobre sua posição. A exemplo do prólogo de *Ifigênia em Áulis* onde o rei Agamêmnon, comandante das tropas que tentam seguir para Tróia

em busca de honrar os gregos e Menelau, seu irmão, que teve sua bela esposa Helena seduzida e raptada pelo troiano Páris, filho de Hécuba, questiona sua nobre posição a um velho escravo, afirma que inveja os que vivem no anonimato, que vivem sem perigo e não se preocupam com glórias. O velho escravo o responde da seguinte maneira:

### **VELHO**

Não é possível concordar com tais palavras  
vindas dos lábios de um homem tão poderoso.  
Atreu, teu pai, não te engendrou, rei Agamêmnon,  
para ser dono de todos os bens da vida  
ao mesmo tempo e sem que nada te faltasse.  
O teu destino é sentir alegria e dor;  
és filho de mortais e, satisfeito ou não,  
terás de obedecer à vontade dos deuses.

Esse questionamento advindo de Agamêmnon dá-se pela adivinhação de Calcas que informa ao rei que a deusa Ártemis impede o exército de seguir viagem, suspendendo assim os ventos, e para que isso se reverta, é necessário a imolação de sua filha, a virgem Ifigênia. O rei Agamêmnon encontra-se imerso em dúvidas, o que mostra um caráter frágil e demasiado humano, o enredo parece suspenso, os ventos estão suspensos, há aqui uma forte crítica de Eurípides à guerra. A queda do herói suscetível a paixões e fraquezas traz questões cotidianas de um homem comum.

## **Arte grega – Menelau ataca Helena de Troia**

Com o desenrolar da trama e dos fatos Agamêmnon apesar de ter um caráter ponderado é movido pela ambição, não quer perder seu poderio e resolve seguir o querer divino. O personagem Menelau é construído de forma caprichosa e vingativa, colocando todo um povo à guerra para resgatar seu troféu (a bela Helena de Tróia) e curar seu

orgulho ferido, o rei Agamêmnon utiliza-se de um embuste para conseguir o que quer. Um embuste é a mentira repleta de astúcia usada para enganar ou prejudicar uma pessoa. Ele solicita a presença de sua filha Ifigênia, em Áulis, mentindo sobre um suposto casamento com Aquiles. Apesar de todo desenrolar ser por escolhas feitas pelo rei, ele segue em seu discurso dizendo deixar que a sorte siga seu curso da melhor maneira. Podemos notar também no discurso de Menelau em prol de seus objetivos uma elevação na mudança de opiniões tomadas no que concerne a um bem maior, onde essa mudança de comportamento faz parte do caráter de homens bem formados. O coro na tragédia comporta-se como um espectador idealizado, um crítico do drama. Em certa fala, diz o coro: “a índole realmente boa revela-se pela conduta”.

Falemos de Ifigênia, heroína por acaso, ilustre representante de uma nobre família. Ela muda completamente de posição em relação ao seu destino ao seguir do mito. Tida como a filha mais querida de seu pai, ao descobrir que foi escolhida pela deusa Ártemis para ser imolada e a decisão foi consentida pelo próprio, passa a suplicar por misericórdia, até que toma a decisão final de se entregar, e enfrentar a morte de forma gloriosa e nobre. O que nos toca na construção dos caracteres nessa tragédia advém da narrativa simbólica imagética: é o pai que deu vida à filha é o que decide levá-la à morte. Os pensamentos e a conduta de Ifigênia tornam-se heroicos. “A poesia trágica se baseia na ideia de sacrifício; A morte trágica tem o duplo significado de enfraquecer o velho direito dos olímpicos e como principiadora de uma nova colheita da humanidade, oferecer o herói em sacrifício ao deus desconhecido.” (BENJAMIN, 2012)

Ifigênia é encaminhada para o templo da deusa Ártemis para ser imolada, oferecida em forma de sacrifício. Eurípidés recorre ao recurso do *deus ex machina* para o desenlace do mito. A divindade no fim da peça se manifesta e Ifigênia desaparece misteriosamente, é substituída

por uma corça, como se a deusa tivesse poupado o sangue da inocente virgem. O recurso do *deus ex machina* representa a salvação ou o auxílio inesperado, numa situação extremamente difícil. Alguns estudiosos, assim como o crítico britânico H. D. F. Kitto, cogitam que Eurípides preferiu assim por não gostar da peça ou por se sentir incapaz de concluí-la. Outros dizem que essa tragédia foi finalizada por um sobrinho de Eurípides, após a morte do tragediógrafo.



*The anger of Achilles* de Jacques Louis David - Aquiles, Clitemnestra, Ifigênia e Agamêmnon.

Para refletir e analisar a construção do caráter na tragédia grega precisamos tocar em vários outros pontos e assuntos que dizem respeito às várias circunstâncias da formação ética, coletiva e cultural na Grécia antiga, resgatando assim o conceito de homem, essencial na construção do caráter. De acordo com o que foi levantado sucintamente aqui, podemos verificar que as escolhas e decisões reivindicadas pelos homens, que se refletem na mimese das tragédias, são responsáveis pelo progresso, continuidade e o devir humano, o que a narrativa tão bem nos

demonstra através da verossimilhança com a vida. tomadas pelo homem, bem como na tragédia grega dão progresso à vida, a narrativa, ao acontecimento. Na obra euripidiana, a relação com o divino também voga nos destinos, existe um decantamento racionalista e introdução de um idealismo fortemente conectado à estrutura social de extrema importância para as possibilidades dos caminhos e escolhas humanas.

Vimos que o caráter é submisso ao enredo, porém o elemento que mais permanece em nossas mentes são os caracteres, pois vivem em nossas mentes com vitalidade. O caráter é o modo de ser, características próprias que envolvem personalidade e temperamento. O caráter é construído através de sinais “na realidade se situa acima do imediatamente visível” (BENJAMIN, 2012), já na tragédia ele necessita ser exposto, através do pensamento e elocução das personagens.

## Referências

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores)

BENJAMIN, Walter. *Destino e Caráter*. In: \_\_\_\_\_. O anjo da história. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

CAMPOS, Joyce N. *Ação, Destino e Deliberação na Tragédia Grega e na Ética aristotélica*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2012. (Dissertação de Mestrado)

COSTA, Lígia Militz. *A Poética de Aristóteles*. São Paulo: Ática, 2003.

EURÍPIDES. *Ifigênia em Áulis; As Fenícias; As Bacantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GAZONI, Fernando M. *A Poética de Aristóteles: tradução e comentários*. São Paulo: Universidade de São Paulo – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2006. (Dissertação de Mestrado)

MARQUARDT, C. R. *Ifigênia em Áulis: a função religiosa, o papel das mulheres e a simbologia do sacrifício na tragédia euripídiana*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado – Pós Graduação em Literatura Comparada, 2007.

TOLEDO, Alexandre Mauro. *Mimesis e tragédia na Poética de Aristóteles*. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2005. (Dissertação de Mestrado)